

WELLS, H. G. **Uma breve história do mundo**. Tradução Rodrigo Breunig. Porto Alegre: L&PM, 2011.¹

Paulo Tiago Cardoso Campos

A obra aqui resenhada foi editada pela primeira vez em 1922, pouco depois da I Guerra Mundial. Mantém-se ainda com fortes atrativos para sua leitura, tendo-se em vista que sua linguagem conserva uma combinação entre o rigor analítico e o descritivo, sem apresentar-se extensa ou profunda em excesso em um ou outro. Parecer dirigir-se ao leitor iniciante, como alunos do curso de graduação em História, assim como interessados na leitura de um texto objetivo, sucinto e altamente informativo e formativo.

O livro possui 67 capítulos, em geral curtos e escritos num estilo que se assemelha ao jornalístico. Seus primeiros 12 capítulos cobrem a formação da Terra e o desenvolvimento da vida, até chegar aos “primeiros homens verdadeiros” e ao “pensamento primitivo” (dois temas que intitulam, respectivamente, os capítulos 11 e 12). Obviamente, as bases em que o autor escreve esses primeiros capítulos acham-se defasadas perante as descobertas e avanços científicos verificados ao longo do Século

XX. Apesar disso, mostram uma descrição e análises rigorosas a respeito, com o que havia disponível nas primeiras décadas do Século XX. A seguir, destacam-se alguns pontos do livro, tendo-se em vista tratar-se de um número de capítulos que inviabiliza a descrição de cada um deles no espaço de uma resenha.

Adotando a compreensão da história como um processo, H. G. Wells expõe o texto de forma suave e agradável, mantendo uma atitude cortez com o leitor, isto é, auxiliando-o a interpretar os fatos ao mesmo tempo em que os descreve, uma qualidade que destaca o livro, como dito acima. De maneira instigante, expõe, por exemplo, que por volta do século VI a. C. surgiram homens notáveis, como Buda, Lao-Tsé, Confúcio e Heráclito, fundadores de ideias e tradições que nos alcançam ainda hoje, e exerceram papel decisivo na História.

A análise que H. G. Wells faz dos grandes impérios e civilizações antigas, desde os babilônicos, egípcios, persas, passando pelos gregos e romanos, é feita de maneira tão articulada, que o leitor percebe o processo histórico no texto de maneira fluida, e não segmentada como muitos manuais apresentam. Essa mesma maneira confere ao

¹ Resenha da obra referida, de Herbert George Wells (1866-1946). Nasceu na Inglaterra, onde estudou no Royal College of Science, tendo sido aluno de T. H. Huxley. Romancista, historiador e jornalista, H. G. Wells tem uma vasta obra e é um dos precursores da ficção científica. Dentre suas obras, destacam-se *A Máquina do tempo*, *A ilha do doutor Moreau*, *O homem invisível* e *A guerra dos mundos*, as duas últimas adaptadas ao cinema. Simpatizante do socialismo, da ciência e do progresso, escreveu obras críticas à sociedade inglesa, como *Modern Utopia*. Teve reconhecimento como escritor ainda em vida e conviveu com personalidades do meio político e literário, como Bertrand Russel e G. B. Shaw. Faleceu em 1946, logo após a II Guerra Mundial e pouco depois de publicar seu último livro *Mind at the end of Its Tether*.

texto de Wells um caráter fortemente instrutivo do ponto de vista de como se deu a ascensão e queda do Império Romano, o nascimento e fortalecimento do Cristianismo, a fragmentação europeia ao longo do Medievo, o surgimento e expansão do Islã, e as Grandes Navegações.

Quanto ao período Moderno, o conteúdo do livro merece, a nosso juízo, dois destaques: o primeiro refere-se ao “Renascimento intelectual dos europeus” (capítulo 49), em que H. G. Wells destaca o papel vital exercido por Roger Bacon (século XIII) quando chamou a atenção para se observar o mundo liberto de dogmas e autoridade, e chegar ao conhecimento por meio da experimentação. Para H. G. Wells, Roger Bacon é o pai da ciência experimental moderna. Assim, H. G. Wells procura destacar a influência das ideias de Roger Bacon ao longo do tempo, contribuintes que foram da formação da tradição científica no Ocidente.

O segundo aspecto diz respeito à Revolução Industrial. Segundo H. G. Wells, é preciso distinguir entre Revolução Industrial e Revolução Mecânica. A primeira é um processo mais amplo que alcança desenvolvimento social e financeiro, bem como a qualificação intelectual humana para, inclusive, tornar apta e treinada a mão de obra para operar nas modernas fábricas. A segunda refere-se à modalidade de energia que baseou a expansão da produção: foi a energia mecânica das máquinas movidas a vapor. Tratava-se portanto de energia barata e farta, diferentemente das fábricas da época da República Romana, em que a energia vinha da força braçal humana, implicando frequentemente degradação do homem pela exploração brutal de sua força de trabalho. Em contraste, no período moderno, como dito acima, a energia produtiva para movimentar as máquinas e a produção não é mais humana, nem mesmo o homem é visto como fonte de força bruta; agora, o homem precisa ter certo nível de qualificação, e essa necessidade se intensifica e fica cada vez mais clara para os dirigentes inteligentes quanto mais avança o Século XIX.

Os capítulos finais cobrem as guerras napoleônicas, a evolução das ideias sociais e políticas do Século XVIII e XIX, os demais conflitos do período, movimentos de unificação, assim como o Imperialismo na Ásia e na África. Com grande clareza, H. G. Wells conclui o livro expondo a respeito da expansão dos Estados Unidos, da formação das grandes potências europeias, da situação do Império Britânico no início do Século XX, das relações econômicas, comerciais e políticas que encaminharam para a eclosão da Primeira Guerra Mundial. O capítulo final trata da “reconstrução política e social do mundo” e das conferências pós-primeira guerra.

H. G. Wells chama a atenção para as esperanças e os perigos do mundo do início dos anos 1920, assim como para as consequências dos acertos de contas do conflito. Esse é um tema que também ocupou J. M. Keynes, em seu trabalho *As consequências econômicas da paz* (UnB, 2002), onde chamava a atenção para o extremo rigor e a insustentabilidade

das exigências dos vencedores do conflito. Como sabemos, elas contribuíram para um novo conflito da década seguinte.

Em suma, a obra de H. G. Wells é de um valor considerável, pois pode ser estudada tanto individualmente quanto como apoio a leituras específicas e/ou que aprofundem temas históricos. Dentre essas leituras, podem-se citar como exemplos *História mundial*, de Philip Parker (Zahar, 2011), *A era dos impérios*, de Eric Hobsbawn (Paz e Terra, 2011), *Ocidente X Islã*, de Voltaire Schilling (ed. L&PM, 2004) e *Capitalismo global*, de Jeffrey A. Frieden (Zahar, 2008), dentre outras. Outra possibilidade é estudar a história do pensamento econômico ou a história da filosofia tendo-se como apoio a obra de H. G. Wells, para situar quanto a um quadro histórico mais amplo e relacioná-lo com o pensamento econômico, político ou ético de cada época. Portanto, a obra de H. G. Wells aqui resenhada é fortemente recomendável para utilização e leitura, pois trata-se de livro muito bem escrito que possui concisão, objetividade e equilíbrio entre descrição e análise do processo histórico.